

## Ocorrência do bullying e sua correlação com as escalas psicométricas SCARED e CDI, o consumo de álcool e a automutilação em escola pública municipal de Salvador, Brasil

*Bullying incidence and its correlation with SCARED and CDI psychometric scales, alcohol consumption and self-mutilation in a public school in the City of Salvador/Brazil*

Cybele Perciano Cypriano<sup>1</sup>, Irismar Reis de Oliveira<sup>2\*</sup>

<sup>1</sup>Mestranda do Programa de Pós-graduação em Processos Interativos dos Órgãos e Sistemas, UFBA; <sup>2</sup>Professor Titular de Psiquiatria, Departamento de Neurociências e Saúde Mental da Faculdade de Medicina da Bahia.

### Resumo

**Introdução:** *bullying* ocorre entre 5% e 35% dos estudantes, podendo gerar psicopatologias. **Objetivos:** verificar a incidência de “prática” e “vitimização” por *bullying* e correlações com as escalas SCARED e CDI; álcool; “pensamentos de ferir-se” e “comportamentos de ferir-se de propósito”. **Metodologia:** foi realizado cálculo da ocorrência da forma direta de agressão em setenta e um escolares, com idade entre doze e dezessete anos, no contexto de estudo oferecendo treinamento baseado na Terapia Cognitiva Processual. Foi também calculada a correlação de Pearson e a análise de regressão linear, bem como a estatística descritiva da amostra (média e desvio padrão). **Resultados:** 54,93% eram meninas. Idade média: 13,92 anos. Meninos praticaram mais e meninas sofreram mais *bullying*. 56,35% reportaram envolvimento com agressão: 35,22% como vítimas, 21,13% como agressores e 14,09% como vítimas/agressores. “Pensar em ferir-se” e “ferir-se de propósito” possuem correlação moderada e positiva com a prática de *bullying* e a escala SCARED apresentou associação fraca, mas significativa com o sofrer *bullying*. A análise de regressão mostrou que: 1) “pensar em ferir-se” tem possibilidade de prever significativamente a prática de *bullying* e explica 15% de sua variância; 2) “ferir-se de propósito” tem potencial para prever a prática da agressão, explicar 18% de sua variância e para prevêê-la significativamente. A Scared associada com sofrer *bullying* explica 9% da variância e foi capaz de prever o sofrer *bullying*. Não houve correlação com CDI e uso de álcool. **Conclusão:** a ocorrência de violência na escola é alta, sugerindo-se psicoeducação sobre *bullying* no ambiente escolar, tanto para os pais quanto para a população em geral.

**Palavras-chave:** *Bullying*. Violência. Adolescente. Instituição Acadêmica. Escala psicométrica.

### Abstract

*Introduction: bullying occurs in 5% up to 35% of students, and can generate psychopathologies. Objectives: to verify the incidence of “practicing” and “suffering” bullying and correlations with SCARED and CDI scales; alcohol; “thoughts of self-wounding” and “behaviors of self-wounding on purpose.” Methodology: to calculate the occurrence of the direct form of aggression in seventy-one school youngsters, aged between twelve and seventeen, in the context of a study offering training based on Cognitive Processual Therapy. Pearson’s correlation was calculated, linear regression analysis and descriptive statistics of the sample (mean and standard deviation). Results: 54.93% were girls. Average age: 13.92 years. Boys practiced more and girls suffered more bullying. 56.35% reported involvement with aggression: 35.22% as victims, 21.13% as aggressors and 14.09% as victims/aggressors. “Thinking about getting hurt” and “hurt on purpose” have a moderate and positive correlation with the practice of bullying and the SCARED scale has a weak but significant association with suffering bullying. The regression analysis showed that: 1) “thinking about being hurt” has the possibility to significantly predict the practice of bullying and explains 15% of its variance; 2) “injuring oneself on purpose” has the potential to predict the practice of aggression, explain 18% of its variance, and to predict it significantly. SCARED associated with bullying, explains 9% of the variance and was able to predict suffering bullying. There was no correlation with ICD and alcohol. Conclusion: the incidence of violence within school is high, the measurement has biases and it is suggested psychoeducation on bullying in the school environment, for parents and for the population in general.*

*Keywords: Bullying. Violence. Adolescent. Academic Institution. Psychometric Scale.*

### INTRODUÇÃO

Segundo Olweus (2003), pode ser difícil estabelecer diferenças entre provocações típicas da infância e adoles-

cência e a prática de *bullying*. As provocações geralmente envolvem dois ou mais amigos que agem, juntos, de uma maneira que parece divertida para todos, mas nunca envolvem abuso físico ou emocional. Ele define *bullying* como uma agressão intencional dirigida a outrem, de forma direta ou indireta, repetida longitudinalmente por uma ou mais pessoas, sem motivação aparente, quando a vítima tem dificuldade de se defender. Para esse autor,

**Correspondente/Correspondente:** \* Irismar Reis de Oliveira – Instituto de Ciências da Saúde, Universidade Federal da Bahia – End: Av. Reitor Miguel Calmon S/N – Vale do Canela Salvador-Ba, Cep: 40110-100 – Tel: (71) 99981-9807 – E-mail: [Irismar.oliveira@uol.com.br](mailto:Irismar.oliveira@uol.com.br)

tal definição tem três componentes importantes: trata-se de um comportamento agressivo, que envolve atitudes indesejadas e negativas; é um padrão de comportamento repetido ao longo do tempo; e envolve desequilíbrio de força ou poder. Ele também sugere três razões inter-relacionadas para a prática do *bullying*: forte necessidade de dominação e poder; satisfação em ferir e causar sofrimentos; bem como se sentir recompensado, de alguma forma, psicológica ou materialmente, por esse comportamento. O autor alega que tal conduta não deve ser tolerada em circunstância alguma e classifica nove tipos de *bullying*:

1. Agressão verbal, incluindo comentários depreciativos e xingamentos.
2. Intimidação por exclusão social ou isolamento.
3. Agressão física, como bater, chutar, empurrar e cuspir.
4. Intimidação por mentiras e rumores falsos.
5. Tomar posse de dinheiro ou objetos, bem como danificá-los.
6. Ser ameaçado ou ser forçado a fazer coisas que não deseja.
7. Comentários de cunho racial.
8. Abuso sexual.
9. Agressão virtual.

Berger (2007) cita três elementos que compõem o *bullying*: a desigualdade de poder, o prejuízo e a frequência. Segundo Lopes Neto (2005), tal comportamento pode ser manifesto de forma direta ou indireta, sendo a última mais comum em meninas. Ele também reporta quatro categorias de participantes: agressor, vítima, vítima e agressor, e testemunha. Para Lindern e Lisboa, (2015), tal fenômeno só ocorre entre pares e trata-se de um subtipo de violência muito danoso, tanto para o agressor quanto para a vítima, além de ser geralmente percebido de forma distorcida, tendo seus efeitos nocivos extremamente minimizados. De fato, brincadeiras não provocam constrangimento nem sofrimento em nenhuma das partes (LISBOA; BRAGA; EBERT; 2009).

Smith, Cowie e Blades (2011) caracterizam os tipos de *bullying* direto (quando o comportamento do agressor é evidente, tais como agressões físicas, roubos, ameaças, ofensas verbais etc) e indireto (quando há agressão velada e mais difícil de ser identificada, como indiferença, isolamento, exclusão, difamação e outras formas mais veladas de agressão), além do *cyberbullying*, que se dá no meio virtual, tais como postagens ofensivas, perfis falsos, roubo de dados, divulgação de imagens que causem constrangimento etc.

Em 2010, Cook et al. realizaram uma metanálise sobre preditores de *bullying* durante a infância e adolescência, na qual descreveram os perfis dos agressores, das vítimas e das vítimas-agressoras. Os agressores podem ter crenças e pensamentos negativos sobre si mesmos e os outros, além de dificuldades na resolução

de problemas. As vítimas são claramente rejeitadas pelos pares, são desprovidas de habilidades sociais adequadas, têm crenças negativas sobre si mesmas bem como dificuldades de solucionar problemas sociais. As vítimas-agressoras apresentam baixo desempenho escolar, baixa habilidade social, crenças e comportamentos negativos sobre si e sobre os outros, além de não terem habilidades de resolução de problemas.

Pesquisas apontam que os agressores também sofrem, estando, inclusive, sujeitos ao desenvolvimento de psicopatologias tanto quanto as vítimas e as testemunhas, tais como depressão, ansiedade e suicídio (HODGES et al., 1999; SALMIVALLI et al., 1996). Para Kaltiala-Heino et al. (1999), o maior risco de suicídio está entre os agressores, e o maior risco de depressão está nas vítimas-agressoras. Sendo assim, é necessário cuidar de todos os envolvidos: vítimas, agressores e testemunhas (LINDERN; LISBOA; 2015).

Em 2004, foi publicado um estudo internacional, realizado em 35 países, que apontou uma maior prevalência de *bullying* entre crianças de 11 a 13 anos de idade, bem como encontrou dados que apontam que, em 75% dos países participantes, os meninos se envolvem mais em *bullying* do que as meninas (CRAIG; HAREL, 2004). Porém é possível que um viés cultural interfira na identificação de agressão feita por meninas (ARCHE; COYNE 2005). As pesquisas apontam que de 5% a 35% das crianças em idade escolar participam do *bullying* de alguma forma: como agressores e (ou) vítimas (FANTE, 2005).

A Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (ABRAPIA) realizou uma pesquisa no Rio de Janeiro, entre 2002 e 2003, com 5.428 crianças. Os resultados apontaram que 40,5% relataram participar de situações de *bullying*, sendo que 57,5% como testemunhas, 16,9% como vítimas, 12,7% como agressoras e 10,9% como vítimas e agressoras (LOPES NETO; SAAVEDRA, 2003).

## METODOLOGIA

A presente pesquisa utilizou parte dos dados coletados no “Estudo da Eficácia do Treinamento Cognitivo Processual em Grupo (TCP-G) na Prevenção de Transtornos de Ansiedade e de Depressão em Adolescentes de Escolas Públicas Municipais de Salvador: um Ensaio Clínico Randomizado”, ainda em andamento, sob a responsabilidade do pesquisador Dr. Irismar Reis de Oliveira, a partir do parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa sob o número 966.202 de 27/02/2015.

O objetivo da investigação é o de verificar a incidência de “prática” e “vitimização” por *bullying*, bem como as correlações existentes entre tais fenômenos e ansiedade, medida pela SCARED (Auto Relato para Transtornos Relacionados à Ansiedade na Infância); depressão, medida pela CDI (Inventário de Depressão Infantil); consumo de álcool; ocorrência de pensamentos de ferir-se nos últimos seis meses, mesmo sem a

intenção de fazê-lo; e comportamentos de ferir-se de propósito, de alguma forma, nos últimos seis meses.

Utilizando o Excel (*Office* 2013), foram digitados dados sobre o consumo de álcool, “pensamentos de ferir-se”, “comportamentos de ferir-se”, bem como sobre a forma direta de *bullying*, na perspectiva de o aluno identificar-se como praticante e (ou) vítima. Os participantes responderam a duas perguntas sobre o evento, retiradas da escala de Olweus (2003) e modificada por Stallard (2014): 1) No último semestre escolar, com que frequência você sofreu *bullying* (por exemplo, verbalmente, como ter sofrido pirraça ou gozação; ou fisicamente, como ter sido agredido ou ameaçado)? 2) No último semestre escolar, com que frequência você participou de *bullying* (verbal ou fisicamente) sobre outros estudantes? As opções de respostas foram: (0) Não pratiquei/sofri *bullying*; (1) Uma ou duas vezes; (2) Duas ou três vezes por mês; (3) Cerca de uma vez por semana e (4) Várias vezes por semana. Os dados sobre sexo, idade, e ano escolar foram retirados do questionário sociodemográfico.

Tal banco de dados foi importado para o *software* livre *R Statistics*, onde foram realizadas as análises estatísticas: de correlação de Pearson entre as escalas e as variáveis relacionadas ao *bullying*; de estatística inferencial, para verificar a presença de variáveis preditoras para as variáveis com correlações estatisticamente significativas; de estudo das diferenças no praticar e no sofrer *bullying*, relacionados ao sexo, através de Análise de Regressão Linear; de estatística descritiva da amostra, de acordo com os parâmetros estabelecidos nos objetivos deste estudo. As análises utilizadas basearam-se nas médias e desvios-padrão.

A amostra foi composta por setenta e um estudantes, entre doze e dezessete anos, do sétimo e do oitavo ano de uma escola pública municipal do município de Salvador (BA) que participaram do treinamento TCP-G ao longo de um semestre de 2016.

O critério de inclusão foi que o aluno estivesse matriculado e cursando o ano letivo. Foram excluídos os alunos que não tiveram os questionários e instrumentos psicométricos preenchidos adequadamente e cujos pais ou responsáveis não assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra foi composta por trinta e nove participantes do sexo feminino (54.93%) e trinta e dois do sexo masculino. A idade média dos alunos foi de 13.92 anos, com desvio padrão de 1.08 anos.

No cálculo da correlação de Pearson (*Pearson's r*), os valores de *r* podem ser interpretados a partir de Evans (1996), em que correlações menores que 0.20 são consideradas fracas, entre 0.40 e 0.59 são consideradas moderadas, e a partir de 0.60 são chamadas de fortes. Dessa forma, “pensamentos de ferir-se” e “comportamentos de

ferir-se” sugerem uma correlação moderada e positiva com a prática de *bullying*, enquanto que os escores da escala SCARED sugerem uma associação fraca, mas significativa, com o sofrer *bullying*. O CDI e a variável uso de álcool não apresentaram indícios de correlação com o *bullying*. A Tabela 1, a seguir, apresenta o valor do *r* de Pearson e a sua significância estatística (*p*-valor). Quando significativa, o valor de *r* estará acompanhado do sinal \*.

**Tabela 1** – Descrição do valor de *r* de Pearson e sua significância estatística (*p*-valor).

Variáveis	Scared	CDI	Álcool	Ferir-se (1)	Ferir-se (2)
Praticar Bullying	0.07 ( <i>p</i> = 0.55)	0.12 ( <i>p</i> = 0.34)	0.03 ( <i>p</i> = 0.77)	0.39 ( <i>p</i> = 0.001)*	0.43 ( <i>p</i> = 0.001)*
Sofrer Bullying	0.3 ( <i>p</i> = 0.01)*	0.03 ( <i>p</i> = 0.83)	0.08 ( <i>p</i> = 0.52)	0.06 ( <i>p</i> = 0.63)	0.001 ( <i>p</i> = 0.97)

Fonte: Dados da pesquisa.

\*Estatisticamente significativo ao valor de  $\alpha = 0.05$

Uma Análise de Regressão Simples foi calculada para prever a prática de *bullying* a partir da variável *pensamento de ferir-se* (1). Foi encontrado esta variável foi capaz de prever significativamente a prática de *bullying* ( $\beta = 0.32$ ,  $p < 0.001$ ) e explicar 15% de sua variância ( $R^2 = 0.15$ ,  $F(1,69) = 12.18$  e  $p = 0.0008$ ).

A mesma análise foi realizada para investigar se a variável *comportamentos de ferir-se* poderia ser considerada preditora da prática de agressão, considerando que também exibiu uma correlação significativa nas análises anteriores. Os resultados demonstraram que ela explica 18% da variância da prática de *bullying* ( $R^2 = 0.184$ ,  $F(1,69) = 15.64$  e  $p = 0.0001$ ), bem como pode prevêê-la significativamente ( $\beta = 0.38$ ,  $p < 0.001$ ).

Em relação às associações entre a escala SCARED e o sofrer *bullying*, verificou-se que a escala explica cerca de 9% da variância, o que significa que, em associação com outras variáveis, o poder explicativo poderia ser maior ( $R^2 = 0.089$ ,  $F(1,69) = 6.19$  e  $p = 0.01$ ). Ainda assim, a escala SCARED foi capaz, potencialmente, de prever o sofrer *bullying*, com  $\beta = 0.10$ ,  $p < 0.01$ .

Conforme pode ser visto na Tabela 2 a seguir, mais de um terço (35,21%) dos alunos afirmaram ter sofrido *bullying*, sendo que os percentuais ficaram assim distribuídos: 64,79% dos participantes relatam que não sofreram agressões, 28,17% que sofreram uma ou duas vezes na semana, 4,23% duas ou três vezes, e 2,82% que sofreram *bullying* várias vezes por semana. Tais achados estão muito acima do escore de 16,9% relatados por Lopes Neto e Saavedra, (2003) e dos resultados encontrados por Vila Nova, Sena e De Oliveira (2015) em estudo anterior da mesma pesquisa, que foi de 29,5%. Tal diferença pode ser justificada por viés amostral, por diferenças metodológicas, como também por questões culturais que dificultam o reconhecimento da agressão como tal.

**Tabela 2** – Descrição dos participantes sobre **vitimização por bullying** no último semestre.

Frequência	N	%
Não sofreu <i>bullying</i>	46	64.79
1 ou 2 vezes	20	28.17
2 ou 3 vezes por mês	3	4.23
Cerca de 1 ou 2 vezes por semana	0	0
Várias vezes por semana	2	2.82

Fonte: Dados da pesquisa.

Em relação à prática de *bullying* (Tabela 3), 21.13% declarou tê-lo praticado, sendo que os escores foram os seguintes: 78,87% relataram não ter praticado, 18,31% praticaram uma ou duas vezes no semestre, 1,41% praticou uma vez por semana e 1,41% praticou várias vezes na semana. Tal achado é semelhante ao índice de 22,60% encontrado por Vila Nova, Sena e De Oliveira (2015), embora esteja muito acima do encontrado por Lopes Neto e Saavedra, (2003), que foi de 12,7%.

**Tabela 3** – Descrição dos participantes sobre **praticar bullying** no último semestre.

Frequência	N	%
Não praticou <i>bullying</i>	56	78.87
1 ou 2 vezes	13	18.31
2 ou 3 vezes por mês	0	0
Cerca de uma vez por semana	1	1.41
Várias vezes por semana	1	1.41

Fonte: Dados da pesquisa.

A partir dos dados encontrados sobre vitimização e prática *bullying*, calculou-se o percentual dos participantes que tanto praticaram quanto sofreram a agressão: os denominados vítimas/agressores. A partir desse cálculo, 14,09% são vítimas e agressores. Tal achado é superior ao encontrado por Vila Nova, Sena e De Oliveira (2015), que foi de 10,9%.

Chamou a atenção dos pesquisadores o alto índice de ideação (Tabela 4) e ocorrência de automutilação (Tabela 5), bem como de consumo de álcool pelos participantes. 30,98% dos alunos pensaram em ferir-se no último semestre, 15,49% declararam ter se automutilado e 39,43% afirmaram já ter consumido bebida alcoólica (Tabela 6).

**Tabela 4** – Descrição dos participantes sobre **pensar em ferir-se** no semestre.

Frequência	N	%
Não pensa	49	69.01
1 ou 2 vezes	17	23.94
3 vezes ou mais	5	7.04

Fonte: Dados da pesquisa.

**Tabela 5** – Descrição dos participantes sobre **ferir-se de propósito** no último semestre.

Frequência	N	%
Não pensa	60	84.51
Uma vez	5	7.04
2 vezes ou mais	6	8.45

Fonte: Dados da pesquisa.

**Tabela 6** – Descrição dos participantes sobre o **uso de álcool** no último semestre.

Frequência	N	%
Nunca tomou	43	60.56
1 ou 2 vezes	24	33.80
2 a 4 por mês	4	5.63

Fonte: Dados da pesquisa.

## CONCLUSÕES

A violência que ocorre na escola tem variadas expressões, e todas são elevadas: vítimas, agressores, vítimas e agressores de *bullying*; os que tiveram ideação de automutilar-se; e os que se automutilaram. Além disso, o número de participantes que declararam consumir álcool também foi alto.

As diferenças significativas encontradas em relação a outras pesquisas sugerem a possível existência de vieses e confundidores nas metodologias usadas pelos diversos pesquisadores, inclusive estes, bem como apontam a necessidade de se desenvolverem metodologias mais eficazes de prevenção, diagnóstico e tratamento da violência nas escolas. A psicoeducação sobre o *bullying* pode ser um bom exemplo a ser usado. Ela pode ser dirigida tanto para estudantes, pais e educadores quanto para a população em geral. É necessário promover mudanças paradigmáticas sobre o assunto a partir de parâmetros teóricos e científicos, a fim de facilitar sua identificação, que atualmente é limitada também por questões culturais e pela falta de informação. Assim, seria possível defender os direitos de proteção das vítimas, bem como o direito de tratamento para todos os envolvidos diretamente (os agressores, as vítimas e as testemunhas). Há a necessidade, também, de se educar os pais e responsáveis, pois eles são envolvidos indiretamente, mas são fundamentais na educação, no apoio, na orientação e no tratamento a essas crianças e adolescentes. Portanto, tanto os pais e responsáveis, quanto os alunos e educadores precisam ter mais acesso às informações sobre o *bullying*, bem como sobre a violência em geral.

## REFERÊNCIAS

ARCHER, J.; COYNE, S. M. Na integrated review of indirect, relational, and social aggression. *Personal. soc. psychol. rev.*, Mahwah, v. 9, n. 3, p. 212-230, 2005.

- BERGER, K. S. Update on bullying at school: science forgotten? **Dev. rev.**, New York, v. 27, n. 1, p. 90-126, 2007.
- COOK, C. R. et al. Predictors of bullying and victimization in childhood and adolescence: a meta-analytic investigation. **School Psychology Quarterly**, Washington, v. 25, n. 2, p. 65-83, 2010.
- CRAIG, W. M.; HAREL, Y. Bullying, physical fighting and victimization. In: CURRIE, C. et al. (Ed.). **Young people's health in context: Health Behavior in School-aged Children (HSBC) study: international report from the 2001/2002 survey**. Copenhagen: World Health Organization, 2004. p.133-144. (Health policy for children and adolescents, 4).
- FANTE, C. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Campinas: Verus, 2005.
- HODGES, E. et al. The power of friendship: protection against the escalating cycle of peer victimization. **Dev. Psychol.**, Washington, v.35, n.1, p. 94-101, 1999.
- LISBOA, C.; BRAGA, L. L.; EBERT, G. O Fenômeno do bullying ou vitimização entre pares na atualidade: definições, formas de manifestação e possibilidade de intervenção. **Contextos Clínicos**, São Leopoldo, v.2, n. 1, p. 50-71, 2009.
- LINDERN, D.; LISBOA, C. S. M. Bullying e terapia cognitivo-comportamental. In: NEUFELD, C. B.; FALCONE, E. M. O.; RANGÉ, B. (Orgs.). **Procognitiva Programa de Atualização em Terapia Cognitivo-Comportamental: ciclo 1**. Porto Alegre: Artmed Panamericana, 2015. p. 115-162. (Sistema de educação continuada a distância, v.4).
- LOPES NETO, A. A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **J. Pediatr. (online)**, Porto Alegre, v. 81, n.5, supl., p.164-172, 2005. ISSN 0021-7557. Disponível: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0021-75572005000700006>>. Acesso em: 03 jul. 2017.
- LOPES NETO, A. A.; SAAVEDRA, L.H. **Diga não para o bullying!** – programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes. Rio de Janeiro: Abrapia, 2003.
- KALTIALA-HEINO, R. et al. Bullying, depression, and suicidal ideation in Finnish adolescents: school survey. **BMJ**, London, v. 319, n. 7206, p. 348-351, 1999.
- OLWEUS, D. A. Profile of bullying at school. **Educational Leadership**, Alexandria, v. 60, n. 6, p. 12-17, 2003.
- SALMIVALLI, C. et al. Bullying as a process: participant roles and their relations to social status within the group. **Aggressive Behav.**, New York, v.22, n. 1, p. 1-15, 1996.
- SMITH, P. K.; COWIE, H.; BLADES, M. Bullying in school. In: SMITH, P. K. H.; BLADES, M. **Understanding children's development**. 4 ed. Londres: Blackwell Publishing, 2011. p. 357-373.
- STALLARD, P. et al. The prevention of anxiety in children through school-based interventions: study protocol for a 24-month follow-up of the PACES project. **Trials**, London, v. 15, 77 p., 2014.
- VILA NOVA, I. S.; SENA, C. L.; De OLIVEIRA, I. R. Ocorrência do bullying entre alunos de uma escola pública do município de Salvador, Brasil. **Rev. Ciênc. Méd. Biol.**, Salvador, v. 14, n. 3, p. 338-342, set./dez. 2015

---

Submetido em: 10/10/2017

Aceito em: 01/11/2017